

A Questão da Atividade nas Séries Iniciais
Pré-Escolar e Escolar de 1a. à 4a. Série do 1º Grau

A_QUESTÃO_DA_AETIIVIDADE_NAS_SÉRIES:_PRÉ-ESCOLAR_E
ESCOLAR_DE_1a._à_4a._SÉRIE_DO_1º_GRAU

Monografia de Aproveitamento
do Curso de Especialização
em Educação Física Escolar
da Universidade Estadual de
Campinas.

CAMPINAS - 1991

Campinas - 1991



1290002490

Cap. I - Agressividade: significado e função.

Cap. II - A Educação Física e a Afetividade.

2.1 A importância da Educação Física na escola.

2.2 A criança e o movimento.

2.3 A criança e o brinquedo e

2.4 A criança e o jogo.

Cap. III - As relações existentes entre a afetividade e o sistema educacional.

3.1 A Escola.

A Questão da Afetividade nas Séries Iniciais:
Pré-Escolar e Escolar de 1a. à 4a. Série do 1º Grau

3.4 O papel e a influência da escola na socialização e

3.5 O papel do professor.

Cap. IV - Da teoria à prática.

4.1 O papel da Educação Física na Escola e

4.2 Refletindo a prática.

4.2.1 Desmistificando a Escola.

4.2.2 Uma ação conjunta.

Cap. V - Conclusão.

Apêndice

Bibliografia

Monografia de Aproveitamento
do Curso de Especialização
em Educação Física Escolar
da Universidade Estadual de
Campinas.

Campinas - 1991

SUMÁRIO

Cap. I	Agressividade: significado e função.	04
Cap. II	A Educação Física e a Afetividade:	05
Cap. II	2.1 A Importância da Educação Física na escola	do 1º
Grau;	2.2 A criança e o movimento;	07
2º Grau.....	2.3 A criança e o brinquedo e	07
	2.4 A criança e o jogo.	08
Cap. III	As relações existentes entre a afetividade e o sistema	
Educacional: III	3.1 A Escola;	11
	3.2 O professor e sua formação;	11
	3.3 O papel e a influência da família na socialização	11
	3.4 O papel e a influência da escola na socialização e	
	3.5 O papel do professor.	12
Cap. IV	Da teoria à prática: influência da Escola na Socialização.	12
	4.1 O papel da Educação Física na Escola e	13
Cap. IV	4.2 Refletindo a prática:	14
	4.2.1 Desmistificando a Escola;	14
	4.2.2 Uma ação conjunta	14
Cap. V	Conclusão	14
	Apêndice Uma ação conjunta	15
Cap. V	Bibliografia	16
	Apêndice	17
	Bibliografia	18

ÍNDICE

Introdução.....	04
Cap. I Agressividade: significado e função	05
Cap. II A Educação Física e a Afetividade.....	07
2.1 A Importância da Educação Física na Escola de	
1º Grau.....	07
2.2 A criança e o movimento.....	07
2.3 A criança e o brinquedo.....	08
2.4 A criança e o jogo.....	09
Cap. III As Relações Existentes entre a Afetividade e o Sis-	
tema Educacional.....	11
3.1 A Escola.....	11
3.2 O Professor e sua Formação.....	11
3.3 O Papel e a Influência da Família na Sociali-	
zação.....	12
3.4 O Papel e a Influência da Escola na Socialização.....	12
3.5 O Papel do Professor.....	13
Cap. IV Da Teoria à Prática.....	14
4.1 O Papel da Educação Física na Escola.....	14
4.2 Refletindo a Prática.....	14
4.2.1 Desmistificando a Escola.....	14
4.2.2 Uma ação conjunta.....	15
Cap. V Conclusão.....	16
Apêndice.....	17
Bibliografia.....	18

INTRODUÇÃO

AGRESSIVIDADE: SIGNIFICADO E FUNÇÃO

Esse trabalho, em momento nenhum, visa a solução da questão: agressividade X agressividade. A problemática dessa questão não está situada num determinado fator (família ou escola), mas está inserida no contexto social. É isso que dificulta o trabalho dos professores na conscientização de seus alunos. (LAPIERRE, 1986, p. 61).

Isso não quer dizer que devemos cruzar os braços e deixar a agressividade tomar conta da situação. Como educadores temos o dever de, se não acabar, pelo menos entender porque tal comportamento se faz presente. Interações que são interiorizadas, pode desencadear a agressividade.

Muitas vezes, a agressividade surge como meio de uma criança se impor diante de seu grupo. Por isso, é preciso ter muita atenção nesses momentos e procurar entender o que realmente está se passando.

Todos os caminhos aqui apontados como possíveis soluções, visam o entendimento desse tipo de comportamento, passando desde os problemas enfrentados pelo atual sistema educacional, até a formação dos professores de Educação Física, que anda um tanto defasado em relação à realidade de vida nas escolas, como maneira de prevenir acidentes (ferimentos, quebra de algum dos membros do corpo humano, etc.). Para convivermos com essa contradição, devemos transpor a agressividade para o mundo simbólico, isto é, transferir para objetos não perigosos a descarga da agressividade (bolas, arcos, lenços, cordas); também através de jogos de desequilíbrio, conquista e defesa de seu espaço; por meio de gritos, palavras, etc.

Dessa forma, "neutraliza-se" a agressividade e ocorre a adaptação ao outro.

Superada essa fase é chegado ao acordo. Esse acordo leva à socialização, que significa, "trocas autênticas com os outros, compreensão, aceitação, respeito." (LAPIERRE, 1986, p. 66).

A socialização inicia-se primeiramente com uma pessoa mais próxima: um amigo; posteriormente estende-se à um grupo maior de integrantes; cria-se em todo grupo, em toda classe, em toda comunidade, relações afetivas preferenciais." (LAPIERRE, 1986, p. 66).

A agressividade pode ser consequência dos mecanismos desencadeadores inatos (adquiridos filogeneticamente durante o período evolutivo e presentes no Homem e animais), nos quais ao deparar-se com determinadas situações, o Homem apresenta como resposta o comportamento agressivo.

É o mesmo quando ao olharmos para o desenho de uma criança ou animal, desperta em nós um sentimento de carinho. O mesmo pode ocorrer despertando o sentimento da agressividade.

... não é a única forma de despertar esse sentimento. O indivíduo que desde a sua infância fez os seus impulsos reprimidos se frustra e num momento pode por para fora todo esse sentimento frustrado e manifestar-se através da agressividade.

Em outros momentos, a agressividade pode ser consequência do medo. (...) o medo, justamente o contrário da coragem, pode transformar-se em seu oposto (agressão) quando o medo atinge sua intensidade máxima. (HASSENSTEIN, 1977, p. 431).

A agressividade pode ser desencadeada num momento que a criança se sente encurralada. Isso se dá com aquelas crianças que durante os seus primeiros anos de vida, a agressividade: SIGNIFICADO E FUNÇÃO

A criança que se enquadra nesse caso torna-se desconfiada de todos e das ligações (amizades) que surgirão durante a sua vida.

"A agressividade é o resultado de um conflito entre o desejo de afirmação pela ação e os obstáculos e interdições que essa afirmação encontra" (LAPIERRE, 1986, p. 61).

Os obstáculos são exteriores ao sujeito, não afeta seu equilíbrio psíquico; o sujeito aprende através de experiências, a evitá-la, controlá-la, etc.

As interdições quando são interiorizadas, pode desencadear a agressividade através da transgressão (ato agressivo), que é a única forma de superar as interdições.

A agressividade é um meio de comunicação entre os componentes de um grupo. É uma forma de relação, não pode ser simplesmente punida, reprimida, pois dessa maneira reforçará esse comportamento, porém, há momentos em que deve manifestar até mesmo como defesa e como meio de afirmação no grupo. Entretanto no cotidiano, nós educadores, tentamos evitar o ato agressivo como maneira de prevenir acidentes (ferimentos, quebrar algum dos membros do corpo humano, etc.). Para convivemos com essa contradição, devemos transpor a agressividade para o mundo simbólico, isto é, transferir para objetos não perigosos a descarga da agressividade (bolas, arcos, lenços, cordas); também através de jogos de desequilíbrio, conquista e defesa de seu espaço; por meio de gritos, palavras, etc.

Dessa forma, "neutraliza-se" a agressividade e ocorre a adaptação ao outro.

Superada essa fase é chegado ao acordo. Esse acordo leva à socialização, que significa, "trocas autênticas com os outros, compreensão, aceitação, respeito." (LAPIERRE, 1986, p. 66).

A socialização inicia-se primeiramente com uma pessoa mais próxima: um amigo; posteriormente estende-se à um grupo maior de integrantes; "cria-se em todo grupo, em toda classe, em toda comunidade, relações afetivas preferenciais" (LAPIERRE, 1986, p. 66).

A agressividade pode ser consequência dos mecanismos desencadeadores inatos (adquiridos filogeneticamente durante o período evolutivo e presente no Homem e animais), nos quais ao deparar-se com determinadas situações, o Homem apresenta como resposta o comportamento agressivo.

É o mesmo quando ao olharmos para o desenho de uma criança ou animal, desperta em nós um sentimento de carinho. O mesmo pode ocorrer despertando o sentimento da agressividade.

Porém, essa não é a única forma de despertar esse sentimento.

O indivíduo que desde a sua infância tem os seus impulsos reprimidos se frustra e num momento pode por para fora todo esse sentimento frustrado e manifestar-se através da agressividade.

Em outros momentos, a agressividade pode ser consequência do medo. " (...) o medo, justamente o contrário da coragem, pode transformar-se em seu oposto (agressão) quando o medo atinge sua intensidade máxima. " (HASSENSTEIN, 1977m o, 63).

A agressividade pode surgir também num momento que a criança se sente encurralada. Isso se dá com aquelas crianças que durante os seus primeiros anos de vida não tiveram a presença da mãe ao seu lado, constantemente.

A criança que se enquadra nesse caso torna-se desconfiada de todos e das ligações (amizades) que surgirão durante a sua vida.

2.1 A Importância da Educação Física na Escola de 1º Grau

" (...) a finalidade da Educação Física é contribuir para a educação integral da criança, por meio da prática de atividades físicas, racionais e variadas, de acordo com suas necessidades bio-psico-fisiológicas (...). " (HURTADO, 1987, p.22)

Educação Física é movimento, e disso as crianças entendem muito bem. A sala de aula dessa disciplina não possui paredes delimitando o espaço; não existe carteiras e cadeiras (para as crianças permanecerem sentadas e em silêncio); não existe nada que limite a livre movimentação dos alunos. É um local arejado, provido de muita luz, sons e movimentos. Lá, as crianças se sentem livres para correr, pular, saltar e até mesmo soltar toda energia guardada durante as horas em que permanecem dentro da sala de aula convencional.

As salas de Educação Física são um momento mágico da criança, onde o que importa é o potencial criativo de cada criança.

Falamos muito da relação entre as aulas de Educação Física e as observações ministradas em sala de aula. De um lado é importante haver uma relação quadra-classe, mas, por outro lado, é (...) necessário reafirmar o valor utilitário da Educação Física. Esta não pode justificar sua existência com base na possibilidade de auxiliar o aprendizado dos conteúdos de outras matérias - quem faz Educação Física aprende matemática com maior facilidade. (FREIRE, 1989, p. 102).

2.2 A Criança e o Movimento

Sabe-se que a vida é movimento, que o gesto humano é uma das primeiras manifestações de expressão e, por conseguinte, de comunicação entre o ser e o meio em que vive. A realização de atividades motoras pelo corpo, além de exercer papel preponderante no seu desenvolvimento sócio-funcional, estimula e desenvolve as suas funções psíquicas, sendo razão de ser da educação do corpo como fator de equilíbrio orgânico. (HURTADO, 1987, p. 14).

O movimento é responsável por uma série de fatores ligados ao desenvolvimento da criança, tais como: desenvolvimento cognitivo, controle, exploração e adaptação ao seu meio ambiente; desenvolvimento das percepções, etc.

Desde a sua concepção o ser se move. O movimento, é a base da vida do homem.

Por volta dos seis anos, a criança já tem autonomia dos seus movimentos, (...) graças ao sistema nervoso que adquire o controle voluntário de todos os músculos. (ENDERLE, 1983, p. 66).

E, principalmente, a partir dessa idade que deve-se incentivar as crianças a atividades físicas, jogos, recreações, enfim, deve-se incentivá-las a movimentar-se constantemente.

Capítulo II

A EDUCAÇÃO E A AFETIVIDADE

2.3 A Criança e o Brinquedo

No brinquedo o pensamento está separado dos objetos e a ação separada das coisas e não da coisa. (VIGOTSKY, 1994, p. 111). Desse modo, o brinquedo é um instrumento de desenvolvimento da criança.

2.1 A Importância da Educação Física na Escola de 1º Grau

"(...) a finalidade da Educação Física é contribuir para a educação integral da criança, por meio da prática de atividades físicas racionais e variadas, de acordo com suas necessidades bio-psico-fisiológicas (...)" (HURTADO, 1987, p.22)

Educação Física é movimento, e disso as crianças entendem, muito bem. A sala de aula dessa disciplina não possui paredes delimitando o espaço; não existe carteiras e cadeiras (para as crianças permanecerem sentadas e em silêncio); não existe nada que limite a livre movimentação dos alunos. É um local arejado, provido de muita luz, sons e movimentos. Lá, as crianças se sentem livres para correr, pular, saltar e até mesmo soltar toda energia guardada durante as horas em que permanecem dentro da sala de aula convencional.

As aulas de Educação Física são um momento mágico da criação, onde o que importa é o potencial criativo de cada criança.

Fala-se muito da relação entre as aulas de Educação Física e as disciplinas ministradas em sala de aula. De um lado é importante haver essa relação quadra-classe, mas, por outro lado, é (...) necessário descaracterizar o valor utilitário da Educação Física. Esta não pode justificar sua existência com base na possibilidade de auxiliar o aprendizado dos conteúdos de outras matérias - quem faz Educação Física aprende matemática com maior facilidade" (FREIRE, 1989, p. 182).

Portanto, uma não tenta influenciar as atividades desenvolvidas entre elas. Portanto, a criança brinca ao lado de, ao invés de brincar com outra criança.

c) Brinquedo associativo: a criança brinca com outra criança desenvolvendo atividades.

2.2 A Criança e o Movimento

"Sabe-se que a vida é movimento, que o gesto humano é uma das primeiras manifestações de expressão e, por conseguinte, de comunicação entre o ser e o meio em que vive. A realização de atividades motoras pelo aluno, além de exercer papel preponderante no seu desenvolvimento sócio-mático e funcional, estimula e desenvolve as suas funções psíquicas. Daí a razão de ser da educação do corpo como fator de equilíbrio orgânico" (HURTADO, 1987, p. 14).

O movimento é responsável por uma série de fatores ligados ao desenvolvimento da criança, tais como: desenvolvimento cognitivo, controle, exploração e adaptação ao seu meio ambiente; desenvolvimento das percepções, etc.

Desde a sua concepção o ser se move. O movimento, é a base da vida do Homem.

Por volta dos seis anos, a criança já tem autonomia dos seus movimentos, "(...) graças ao sistema nervoso que adquire o controle voluntário de todos os músculos" (ENDERLE, 1985, p. 66).

É, principalmente, a partir dessa idade que deve-se incentivar as crianças à atividades físicas, jogos, recreações, enfim, deve-se incentivá-las a movimentar-se constantemente.

Porém, "(...) os esquemas momentaneamente inutilizados não poderiam desaparecer sem mais nem menos, ameaçados de atrofia por falta de uso, mas não exercitar

2.3 A Criança e o Brinquedo

No brinquedo o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das idéias e não das coisas (...)" (VIGOTSKY, 1984, p. 111). Dessa forma o objeto pode adquirir a forma que a criança assim imaginar. Por exemplo, um cabo de vassoura pode se transformar num cavalo.

A criança cria situações imaginárias em momentos em que algum desejo não pode ser realizado. A criança se envolve num mundo ilusório onde tais desejos podem ser realizados. Esse mundo chama-se brinquedo.

A situação imaginária é uma característica definidora do brinquedo.

Sob o ponto de vista do desenvolvimento, a criação de uma situação imaginária pode ser considerada como um meio para desenvolver o pensamento abstrato" (VIGOTSKY, 1984, p. 118).

Porém, mesmo esse tipo de brinquedo envolve regras que são respeitadas por seus participantes. Essas regras não limitam número de participantes, o que pode e o que não pode acontecer no brinquedo, etc.. Ela determina o comportamento da criança durante a realização de tal brinquedo. Assim, uma criança brincando que é mãe de uma boneca, se comporta (ou procura comportar-se), como se fosse de fato a mãe de uma criança (no caso, da boneca).

Segundo Parten (1932), há alguns tipos de brinquedos, como:

a) Brinquedo solitário: as crianças brincam ativamente com os brinquedos, longe uma das outras. Estão concentradas em suas próprias atividades, não dando atenção ao que outras crianças estão fazendo;

b) Brinquedo paralelo: duas ou mais crianças, usando brinquedos semelhantes, perto uma da outra, não tentam influenciar as atividades desenvolvidas entre elas. Portanto, a criança brinca ao lado de, ao invés de brincar com outra criança;

c) Brinquedo associativo: a criança brinca com outra criança desenvolvendo atividades iguais ou semelhantes. Não há divisão de trabalho e nem organização de atividades. Cada criança age como quer, não subordinando seus interesses aos do grupo e seus interesses e necessidades;

d) Brinquedo cooperativo ou organizado: a criança brinca em grupo, que está organizado para alcançar um objetivo proposto. Para isto, ela necessita de divisão de trabalho e distribuição de atividades pelos elementos do grupo, acarretando a complementação do esforço de uma criança pelo de outra.

A presença da afetividade, pois é ela que garante o entrosamento entre os pequenos "membros dessa sociedade."

O jogo de construção é uma espécie de transição para o jogo social.

2.4 A Criança e o Jogo

"Na concepção piagetiana, os jogos consistem numa simples assimilação funcional, num exercício das ações individuais já aprendidas. Geram ainda sentimento de prazer tanto pela ação lúdica em si quando pelo domínio destas ações." (FARIA, 1989, p.93)

Assim, quando um bebê realiza o gesto de sugar um pano, um objeto, ele está buscando o prazer gerado pela repetição dos esquemas. Estes esquemas foram consolidados através da repetição da ação já aprendida.

Porém, "(...) os esquemas momentaneamente inutilizados não poderiam desaparecer sem mais nem menos, ameaçados de atrofia por falta de uso, mas não exercitar-se por si mesmo sem outra finalidade que o prazer funcional ligado ao exercício." (PIAGET, 1975, p.117)

Os jogos têm, ao mesmo tempo, duas funções:

- 1- consolidar os esquemas formados e
- 2- dar prazer ou equilíbrio emocional à criança.

Durante a infância, ocorre uma evolução estruturada dos jogos, que visam à um desenvolvimento mental da criança, de acordo com a idade que se encontra. A sequência é jogos de exercício ou sensório-motores, jogos simbólicos, jogos de construção e, finalmente, jogos de regras.

Jogos de exercício ou sensório-motores: considerado como "(...) única forma de jogo possível para as crianças no período sensório motor" (FREIRE, 1989, p.116), o jogo de exercício consiste na repetição de gestos já aprendidos, mas o seu uso ocorre em situações que não são necessárias, apenas por prazer. O prazer de repetir aquele gesto.

Jogos simbólicos: esse tipo de jogo acontece na vida da criança, por volta do 2º ano, cuja função é "(...) satisfazer o eu, por uma transformação do real em função dos desejos(...)" (PIAGET, 1967, p.29). Esse jogo é o faz-de-conta da criança. É quando a criança libera suas fantasias e tudo o que é negado na realidade torna-se possível.

Jogos de construção: esse jogo transita entre o jogo simbólico e o de regras.

Nessa fase, a criança utiliza seus conhecimentos adquiridos (jogos de exercícios e simbólicos) para aplicá-lo à realidade. A criança constrói o seu brinquedo, a sua situação de brincadeira. Se ela quer brincar com um barco, ela não imagina, num simples pedaço de madeira, o seu barco; ela vai muito além: constrói o referido brinquedo num pedaço de madeira.

Jogos de regras: esse tipo de jogo exige da criança uma socialização com os colegas, onde as regras estabelecidas tem que ser respeitadas.

As regras devem ser estabelecidas pelas próprias crianças, pois são elas que saberão criá-las de acordo com seus interesses e necessidades, que nem sempre são as mesmas do adulto.

Pode-se dizer que quando as crianças se agrupam em jogos, formam uma "pequena" sociedade, onde existem regras (as do jogo) que devem ser respeitadas para o seu bom funcionamento. Dentro dessas regras é indispensável que haja a presença da afetividade, pois é ela que garante o entrosamento entre os pequenos "membros dessa sociedade."

O jogo de construção é uma espécie de transição para o jogo social.

"O jogo social, caracterizado pela existência de regras firmemente estabelecidas por um grupo, é a forma mais avançada e complexa de jogo, adquirindo, em níveis de desenvolvimento mais elevados das pessoas e da sociedade, características cada vez mais sofisticadas." (FREIRE, 1989, p.117)

"(...) o jogo social é a forma mais evoluída de jogo, com regras e marcado pela cooperação." (FREIRE, 1989, p.68)

uma boa formação social e não conhecer o seu campo de atuação. Por fim, o professor deve também ter uma boa formação na área pedagógica. Nesse último item, não basta que ele saiba os procedimentos metodológicos, ou como ensinar tal disciplina. Há todo um envolvimento profissional que deve haver, não de forma paternalista, mas sim, o professor deve conhecer seus alunos e saber com eles. O professor tem que ser consciente do seu papel e desempenhá-lo da melhor forma possível.

A fusão dessas três áreas, garante o bom desempenho desse profissional. Porém, o que vem a ser

CAPÍTULO III

AS RELAÇÕES EXISTENTES ENTRE A AFETIVIDADE E O SISTEMA EDUCACIONAL

As Universidades (pelo menos algumas), não cumprem o papel de formar os seus alunos. A preocupação é com a especialização daquele profissional dentro de sua área de atuação.

3.1 A Escola

O sistema educacional apresenta uma série de falhas que pode comprometer, não só o seu funcionamento, como também, a própria adaptação do aluno ao seu "novo" meio e, em alguns casos, a sua permanência no recinto escolar.

Classe super-lotada, que dificulta o seu deslocamento dentro da sala de aula; a questão do material didático, que na maioria das vezes, chega após o início do ano letivo, dificultando dessa maneira o processo educativo; disciplina rígida: das crianças é exigido silêncio absoluto, como se o ato de conversar com o colega, fosse uma falta muito grave. As crianças precisam se comunicar, trocar experiências e essa troca não é bem vista diante de olhos que exigem disciplina "militar"; isso sem contar os baixos salários que os professores recebem.

Toda essa problemática acumulada no decorrer dos anos que a criança permanece na Escola (isso quando permanece na Escola), trazem sérias dificuldades, tanto de ordem educacional (que diz respeito à sua aprendizagem), como de ordem emocional. A criança se sente irritada, por ver seus passos tolhidos, e os professores também, que mal conseguem atingir seus objetivos, enquanto educadores.

Essa irritação compromete a afetividade das crianças, do professor, e também o sistema educacional.

Como se não bastasse, junta isso tudo à situação social do país.

Por isso, não podemos julgar que o problema está na Escola, na criança, ou na família dessa criança. Temos que considerar toda a estrutura social, na qual, a família e a Escola, estão inseridas.

Tudo isso dificulta a ação do professor e o convívio dessas crianças na escola, com os outros colegas de classe.

3.2 O Professor e sua Formação

"O professor não precisa ser um mero ensinador de coisas." (FISCHMANN, 1987, p. 118).

Mais do que isso, o professor é um agente social e como tal, tem também a função de ser um transformador social. Ele não irá atuar sozinho; mas se as Universidades dessem esse tipo de formação aos professores, a atuação de todos, nessa área, seria muito maior.

Não basta, apenas, que o professor tenha profundo conhecimento na sua especialidade e nada em termos sociais. Da mesma forma, não adi-

anta ter sólida formação social e não conhecer o seu campo de atuação. Por fim, o professor deve também ter uma boa formação na área pedagógica. Nesse último item, não basta que ele saiba os procedimentos metodológicos, em como ensinar tal disciplina. Há todo um envolvimento professor-aluno que deve haver, não de forma paternalista, mas ele, o professor deve conhecer seus alunos e saber como atingi-los. O professor tem que ser consciente do seu papel e desempenhá-lo da melhor forma possível.

A fusão dessas três áreas, garantem o bom desempenho desse profissional. Porém, o que vemos na prática, é bem diferente.

As Universidades (pelo menos algumas), não cumprem o papel de formar professores com consciência crítica ou ao menos tentem conscientizar os seus alunos. A preocupação é com a especialização daquele profissional dentro de sua área de atuação.

Um professor fraco e inseguro, inseguro e tecnicamente despreparado, constitui-se não só em má influência com também em um grave fator patogênico, muitas vezes responsável exclusivo pelo fracasso escolar.

3.3 O papel da Família na socialização

A família influencia decisivamente na socialização da criança.

As crianças na escola, na rua, em qualquer lugar, é o retrato do tratamento que recebe em casa pelos pais.

Uma criança que recebe carinho, atenção, compreensão, deixa transparecer no cotidiano da escola, tudo o que recebeu dos pais. Elas são mais calmas, não costumam ser briguentas, agressivas. Já aquelas que tiveram outra forma de tratamento, não só por desleixo dos pais referente à carinho, etc, mas também, pela própria situação pela qual passa, ou seja, pai e mãe trabalham o dia inteiro para sustentar a família. Quando chegam em casa, muitas vezes à noite, não encontram tempo e nem paciência para se dedicar aos filhos. As mães quando retornam ao lar, têm sua segunda jornada de trabalho, que é cuidar da casa e o pai, muitas vezes, têm um segundo emprego para sustentar sua família.

Algumas dessas crianças ficam sozinhas em casa (trancadas); o mais velho cuida dos menores, ou então, ficam em casa dos vizinhos ou parentes.

Quando essas crianças chegam na escola, elas encontram um momento de liberdade. Têm espaço para se movimentarem e brincarem. Normalmente suas casas são pequenas, de poucos cômodos.

Alguns pais transferem para a escola o papel que lhes cabe em casa, ou seja, dar educação, alimentá-los.. Aí a escola deixa de ser vista como um local de transmissão de conhecimentos para uma casa de caridade.

Tudo isso dificulta a ação do professor e o convívio dessas crianças na escola, com os outros colegas de classe.

3.4 O papel e a influência da Escola na socialização

A Escola exerce importante função na socialização da criança (por Escola pode-se entender: jardim da infância, creche, já que ambas exercem essa mesma função, que é a socialização da criança).

A criança ao ingressar no ambiente escolar, depara-se com um lugar diferente do que estava acostumada (a sua casa, a vizinhança,

etc.). É na Escola que a criança irá se relacionar com muitas outras crianças que se encontram numa situação parecida com a sua. De um lugar pequeno e de pouco espaço, que é a sua casa, vai para outro que é maior e espaçoso, com muitas crianças e com uma pessoa que ensina o que deve fazer, que é a professora. É uma grande mudança e a criança tem pouco tempo para se acostumar com a nova situação, pois tem muito o que aprender.

CAPÍTULO IV

3.5 O papel do Professor

O professor tem grande importância no desempenho de seus alunos. Ele não precisa ser autoritário para ministrar suas aulas. Por outro lado, "(...) um professor fraco e inseguro, impaciente e tecnicamente despreparado, constitui-se não só em má influência com também em um grave fator patogênico, muitas vezes responsável exclusivo pelo fracasso escolar." (ENDERLE, 1985, p.74)

Na minha opinião, o professor deve estabelecer com a sua classe um clima de amizade e confiança. Numa situação como essa, os alunos se sentem mais à vontade de expor suas idéias, dúvidas, frustrações, etc., ao mesmo tempo o professor cria uma camaradagem com seus alunos e a sua aula passa a ser mais interessante tanto para ele, como para as crianças.

Acredito que nesse clima, o relacionamento professor-aluno se dê de forma mais tranquila e com confiança, sem criar conflitos.

Nesse relacionamento, o aluno tem mais condições de interagir com o ambiente que o cerca (escola) e aprender muito mais do que numa sala em que a autoridade máxima é o professor.

Na minha opinião, o professor transfere para os seus alunos, muito do seu emocional, da sua auto-confiança, contribuindo para a socialização de seus alunos.

De suma, "o objetivo da Educação Física enquanto processo educacional, não é a simples aquisição de habilidades, mas sim, contribuir para o desenvolvimento das potencialidades humanas. No aspecto social, ajuda a criança estabelecer relações com as pessoas e com o mundo; no aspecto filosófico, ajuda a criança a questionar e compreender o mundo; no aspecto biológico conhecer, utilizar e dominar o seu corpo; no aspecto intelectual, auxiliar no seu desenvolvimento cognitivo." (CENF, 1997, p.11)

4.2 Refletindo a prática

4.2.1 Desmistificando a Escola

"Há séculos que a Escola, essa velha senhora, insiste na tese de que a criança tem que ficar sentada o tempo todo para aprender. Alá para aprender o que? Essas coisas bonitas que a gente vai criando no pensamento é por que fica o tempo todo sentado fazendo lição? É aquela vida lá fora, de barulho, de confusão, é outra vida que não faz a parte dessa mágica de aprender." (FREIRE, 1989, p. 3)

É preciso desmistificar e estabelecer relação com esses dois universos: o do silêncio e o do barulho.

A Educação Física pode servir de ponte para essa relação à partir do momento em que ultrapassar as barreiras de ordem administrativas, desmistificando a Escola como sistema punitivo e de posse da pedagogia do movimento, volta-se para a preocupação de fundo educacional, fazendo ir além da educação de cada gesto (mecanicista).

CAPÍTULO IV

4. DA TEORIA À PRÁTICA

Para que se possa atingir plenamente os objetivos a que se propõe a Educação Física de 1º grau (já mencionada anteriormente), faz-se necessário a atuação dos professores junto aos pais, levando até aos lares a vida.

4.1 O papel da Educação Física na Escola

Há quem pense que as aulas de Educação Física estão restritas ao simples brincar. Sem dúvida que é importante, desde que haja por trás desse brincar, objetivos traçados e estruturados que permitam o desenvolvimento motor da criança e com isso que domine o seu próprio corpo.

"(...) não basta simplesmente levar as crianças para o pátio da escola para brincarem; é necessário que se desenvolva um programa com finalidades bem definidas para que as atividades físicas se tornem eficientes, auxiliando o desenvolvimento da criança." (NEGRINE, 1977, p.6)

Contudo, não é apenas o domínio motor que é visado. As aulas de Educação Física devem objetivar também a inter-disciplinariedade, ou seja, as nossas aulas auxiliam o desempenho dos alunos em sala de aula. Isso sem descaracterizar as nossas aulas. Em momento nenhum tomaremos o lugar de outras professoras (da sala de aula).

Dessa forma, podemos dizer que as nossas aulas são recreativas, pois nossas atividades são direcionadas para as brincadeiras ou para os jogos.

Em suma, "o objetivo da Educação Física enquanto processo educacional, não é a simples aquisição de habilidades, mas sim, contribuir para o desenvolvimento das potencialidades humanas. No aspecto social, ajuda a criança estabelecer relações com as pessoas e com o mundo; no aspecto filosófico, ajuda a criança a questionar e compreender o mundo; no aspecto biológico conhecer, utilizar e dominar o seu corpo; no aspecto intelectual, auxiliar no seu desenvolvimento cognitivo." (CENP, 1989, p.11)

4.2 Refletindo a prática

4.2.1 Desmistificando a Escola

"Há séculos que a Escola, essa velha senhora, insiste na tese de que a criança tem que ficar sentada o tempo todo para aprender. Aliás para aprender o que? Essas coisas bonitas que a gente vai criando no pensamento é porque fica o tempo todo sentado fazendo lição? E aquela vida lá fora, de barulho, de confusão, é outra vida que não faria parte dessa mágica de aprender." (FREIRE, 1989, p. 3)

É preciso desmistificar e estabelecer relação com esses dois universos: o do silêncio e o de barulho.

A Educação Física pode servir de ponte para essa relação à partir do momento em que ultrapassar as barreiras de ordem administrativas, desmistificando a Escola como sistema punitivo e de posse da pedagogia do movimento, volte-se para a preocupação de fundo educacional, fazendo ir além da educação de cade gesto (mecanicista).

CAPÍTULO V

4.2.2 Uma ação conjunta

Para que se possa atingir plenamente os objetivos a que se propõe a Educação Física de 1º grau (já mencionada anteriormente), faz-se necessário a atuação dos professores junto aos pais, levando até aos lares a reflexão sobre a agressividade e seus efeitos maléficos no processo de desenvolvimento da criança e na influência direta que este comportamento tem no ensino-aprendizagem. Mas, trabalhar apenas os pais, não seria suficiente. É preciso que as crianças também recebam orientações através de jogos e atividades, tendo a finalidade de que as crianças exteriorizem suas energias da forma mais saudável possível.

As atividades coletivas tem um alcance maior na resolução dessa questão, que é a agressividade dentro e fora dos lares. Mas, para atingir crianças, adolescentes e conscientizá-los da sua função na sociedade, como cidadãos.

Não acredito que essa disciplina pretenda apenas a formação de atletas. Devemos ter em mente que essas crianças estão na fase de crescimento e temos que priorizar o seu desenvolvimento global.

Acredito, antes de tudo, que devemos visar nossos alunos como crianças que se vão tornando adultos e que uma vida melhor será conquistada, para todos, à partir da consciência dessas crianças.

CAPÍTULO V

CONCLUSÃO

Para a realização desse trabalho, foram feitas gravações de 36 minutos, onde foram focalizadas crianças brincando livremente num playground. Durante as gravações notou-se que não ocorreu a manifestação

Como foi descrito anteriormente, não tenho a pretensão de resolver uma questão, cuja solução não está em nossas mãos, mas apontar caminhos que visem fazer o professor entender o porque da agressividade, e como canalizar esse sentimento de forma positiva em suas aulas.

Um desses caminhos seriam: a reciclagem dos professores, não só da área de Educação Física, através de encontros promovidos pela Delegacia de Ensino, com a finalidade de refletir, avaliar e trocar experiências.

1. A Educação Física não é um fim em si mesmo, mas um meio para atingir crianças, adolescentes e conscientizá-los da sua função na sociedade, como cidadão.

Não acredito que essa disciplina pretenda apenas a formação de atletas. Devemos ter em mente que essas crianças estão em fase de crescimento e temos que priorizar o seu desenvolvimento global.

Acredito, antes de tudo, que devemos visar nossos alunos como crianças que um dia tornarão-se adultos e que uma vida melhor será conquistada, para todos, à partir da consciência dessas crianças.

APÊNDICE

Para a realização desse trabalho, foram feitas gravações de 36 minutos, onde foram focalizadas crianças brincando livremente num playground. Durante as gravações notou-se que não ocorreu a manifestação da agressividade. Pelo contrário; em determinados momentos, crianças maiores se preocupavam com as menores, como se quizessem protegê-las.

Em um segundo momento, foi realizada entrevista numa escolinha de educação infantil, situada em Campinas. A pessoa responsável pelas crianças foi questionada sobre brigas que normalmente ocorrem entre elas. Sua resposta foi que normalmente brigam por brinquedos. Os adultos intervêm, quando a agressividade se torna evidente, explicando para as crianças envolvidas que há brinquedos para todas, e que não precisam brigar.

- BOMTEMPO, E. *Psicologia do brincar: aspectos teóricos e metodológicos*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- ENDERLE, C. *Psicologia do desenvolvimento: o processo evolutivo da criança*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- FARIA, A. R. de. *O desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget*. São Paulo, Editora Ática, 1989.
- FISCHMANN, R. *Universidade e formação de professores*. 2a. edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.
- FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro*. Teoria e prática da educação física. São Paulo, Editora Scipione, 1989.
- GIORGI, P. di. *A criança e suas instituições: a família e a escola*. Lisboa, Livros Horizonte, 1982.
- HASSENSTEIN, B. O especificamente humano segundo resultados da etologia. In: GADAMER-VOGLER. *Antropologia biológica*. São Paulo, Editora EPU/EDUSP, 1977.
- HURTADO, J. G. M. *Educação física: escola e sociedade*. 4a. edição. Curitiba, Fundação da UFR/PRODIL, 1987.
- LAPIERRE, A. & AUCOUTURIER, B. *Antropologia do movimento e educação: psicologia e educação*. Trad. Marcia Lewis, Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.

BIBLIOGRAFIA

NEGRINE, A. O ensino da educação física. 2a. edição. Rio de Janeiro, Editora Globo.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. 1950. 2a. edição. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

_____. O conhecimento da criança. Rio de Janeiro, Record, 1967.

SEVERINO, J. A. Metodologia do trabalho científico. 14a. edição. São Paulo, Cortez Editora, 1986.

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 1a. edição. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1984.

_____. Documento elaborado pela equipe de Educação Física da CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas), São Paulo, 1983.

_____. Educação Física no Ciclo Básico, Secretaria de Estado da Educação. CENP, São Paulo, 1989.

